

# GREVE DA MEDICINA E A LUTA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO



Após greve histórica da medicina e paralisação geral da Universidade no dia 18/06, com 26 cursos parados em defesa do Hospital Estadual de Sumaré, Funcamp é a única inscrita no chamamento público e a pressão dos estudantes garante mais 5 anos da Unicamp na gestão do hospital! Mesmo com a Funcamp como gestão as portas para a privatização continuam entreabertas já que administrará o hospital como uma Organização Social de Saúde, correndo o risco que ela leve a cabo todas as medidas prejudiciais aos pacientes e trabalhadores que outras OSS aplicam. Só é possível impedir com a contínua atenção e mobilização dos estudantes, professores e trabalhadores. Precisamos de soluções definitivas!



## Formam-se os primeiros médicos ingressantes na Unicamp pelas cotas étnico-raciais

"Estamos aqui não apenas para celebrar uma conquista acadêmica, mas para reconhecer um marco de luta e revolução. Ser negro no Brasil é enfrentar não apenas desigualdades econômicas e sociais, mas também carregar o peso de uma história marcada pelo apagamento e pela exclusão. É saber que o corre é dobrado pra gente. É transformar dor em força e silêncio em voz. Formar-se em medicina sendo negro nesse país significa compreender que cada conquista pessoal é também ao mesmo tempo, um ato de resistência coletiva."

- Álvaro Almeida

**O QUE MAIS TEM POR AQUI?**

- Histórico do CAAL
- Greve em defesa do HES
- OSS sucateiam saúde de SP
- Doação de sangue

- Formam-se os primeiros médicos à ingressar por cotas étnico-raciais
- Permanência estudantil
- História da moras

- CAAL apresenta: Amélia Flor
- Conquista das Cotas Trans
- Séries médicas
- Palavras cruzadas

- Acervo Histórico: Nossa faculdade
- Onde surgiu o direito à saúde?
- Vacina para VSR no SUS





## REDAÇÃO

André (Itaquera) - Turma 61  
 Angélica Guimarães - Turma 62  
 Felipe Dias - Turma 59  
 João Victor (Brazza) - Turma 62  
 Rafaella Adorno - Turma 62

## ESCREVA PARA O JORNAL!

Entre em contato e mande sua matéria

**Site:** [caalfcm.wixsite.com/caal](https://caalfcm.wixsite.com/caal)

**Forms para matérias:**

<https://forms.gle/HQPHnE3dRX9EfzGG9>

**Email:** [caalfcm@unicamp.br](mailto:caalfcm@unicamp.br)

**Instagram:** @caalmedunicamp

**X (Twitter):** @caalmedunicamp

**Arquivo Histórico:**

<https://portal.fcm.unicamp.br/centro-de-memoria-e-arquivo-cma/arquivo-historico/>



# PEQUENO HISTÓRICO DO CAAL - MAIO DE 1963



Devido ao espírito de cooperação, que desde o início, tornou-se patente na personalidade de cada aluno desta, então recém criada Universidade de Campinas.

Surgiu a ideia da criação de um centro regulador da vida estudantil: um órgão que resolvesse das acadêmicas uma dedicação especial a inúmeros problemas vinculados à situação médico-social do país; com a finalidade de ensinar em cada um a mentalidade universitária, sinônimo de trabalho, luta, glória; criou-se algo na intuição de ministrar, dirigir e formar uma série de ideias, um cabedal de conhecimentos extra profissionais para que no futuro estes mesmos acadêmicos, orientem, conduzam seus filhos, sua família, no caminho do bem e da verdade, num afã de contribuir, sobremaneira, para o engrandecimento da Pátria.

Um órgão que lhes proporcionasse ao lado da farda pesada de responsabilidade, dos estudos, das preocupações, momentos triviais, alegres em entretenimentos esportivos, literários, musicais, teatrais, viagens, torneios etc.

E assim da união de um pequeno grupo, nos primórdios do ano escolar, surgiram os trabalhos. Preocupação primeira era estruturar e organizar os estatutos, depois quem elegê-lo e sua escolha oficial. Nomes tais como Carlos Chagas, Pierjud da Silva, Vital Brasil, Adolfo Lutz, Edgar Viana, Emilio Ribas, Miguel Couto, Oswaldo de Abreu, surgiram em nossos pensamentos, e neste que, após séria votação, foi proclamado pela maioria como “seção Acadêmica Adolfo Lutz”, esse mesmo que trabalhamos e elegemos 1º turno da diretoria do então Centro Acadêmico

Adolfo Lutz”. A mesa eleita enfrentou quanto se achou indesejável, foram montadas as comissões de trabalho.

Como presidente de honra fora convidado o prof. Dr. Walter M. Adde e como componentes da mesa o Drs. Antônio Mauricio Martins, Osni Tróccoli e Irene Inocêncio; dando início assim ao histórico primeiro ano do CAAL.

Às vinte e sete de junho de 1963 deu-se a posse da primeira diretoria do CAAL em cerimônia reunida, com autoridades, alunos e professores, na presença do então chefe do departamento de microbiologia, Prof. Dr. Antônio Augusto de Almeida.

**-Texto extraído da edição nº 1 do  
 Jornal Patológico (1964)**

A história do Jornal Patológico data de 1964, tornando-o quase tão antigo quanto a própria Faculdade de Ciências Médicas. Símbolo essencial de manifestação estudantil, ele circulou até 2013 e foi retomado pela gestão Égide em 2019, mas permaneceu inativo desde então.

Pensando nisso, uma das propostas da Gestão Amélia Flor foi a volta do jornal, considerado de grande importância não apenas para a manutenção de um meio de informação do corpo discente, como também de um espaço livre para manifestação política e artística dos estudantes.

Essa retomada surge da necessidade de engajamento nas lutas pela conquista e manutenção dos direitos estudantis, defesa do SUS e efetivação das conquistas da greve de 2023, principalmente em vista dos efeitos sentidos após anos marcados por ataques e pelo sucateamento da universidade pública.

# GREVE DA MEDICINA E A LUTA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DO HES



Paralisação dos estudantes de saúde em 11/03/2025

Considerado o melhor hospital público do Brasil, o Hospital Estadual de Sumaré (HES), referência para mais de 1 milhão de habitantes, é gerido pela Unicamp há 25 anos. Mesmo com uma gestão da Unicamp bem sucedida e com a população contra a privatização, em 2025 o governo de Tarcísio decidiu abrir a porteira para o sucateamento do hospital.

A proposta foi passar a gestão para um modelo de Organizações Sociais de Saúde (OSS), abrindo um edital para empresas privadas concorrerem com a Unicamp. Indo contra os interesses da população (evidenciado no abaixo-assinado com mais de 3000 assinaturas, nas audiências públicas lotadas em Campinas e em Sumaré, nas manifestações nas ruas e na paralisação dos estudantes da saúde em março), Tarcísio escolheu apostar em um modelo de gestão falido que só tem resultado em sucateamento onde quer que ele seja implantado.

Em todo país se espalha o modelo de entregar hospitais, UPAs e UBS para as OSS, entidades privadas que atentam contra a transparência, eficácia e caráter público do SUS. Na prática, as OSS, apesar de alegarem não terem fins lucrativos, atuam sugando recursos públicos e sempre que podem optam por decisões que prejudicam pacientes e trabalhadores, cortando gastos, diminuindo quadro de funcionários, terceirizando serviços, etc.

Não faltam denúncias de descaso das OSS. Em Irajá-RJ, por exemplo, os trabalhadores terceirizados da limpeza do Hospital Municipal Francisco da Silva Telles relataram falta de acesso a EPIs básicos, sendo obrigados a assinar a folha de recebimento dos equipamentos de proteção sem os receber e levando materiais de limpeza da própria casa para poder fazer seu trabalho. Esses mesmos trabalhadores ficaram mais de 2 meses sem receber seus salários, que só foram pagos após entrarem em greve.

Assim, diante do ataque ao hospital, os estudantes da medicina, desde o ano passado,

não abaixaram a cabeça para o governo e se organizaram para defender o Estadual de Sumaré. Pressionada, a Faculdade de Ciências Médicas também se organizou para defender a parceria entre HES e Unicamp por meio da concorrência da Funcamp no chamamento público, mas isso não era de forma alguma suficiente para os estudantes.

Diante do mar de incertezas e do risco da privatização, os estudantes decidiram que a greve era o caminho para a luta pela manutenção do convênio entre HES-Unicamp e revogação do chamamento público. Assim, no dia nove de junho, após grandes assembleias, começa a greve da medicina contra a privatização do HES.



Ato em frente à Secretaria Estadual de Saúde em SP

Na primeira semana de greve, a diretoria da FCM prestou esclarecimentos aos estudantes sobre as suas negociações com a Secretaria de Saúde, coisa que até então não tinha se dignado a fazer. Ao longo da semana os estudantes fizeram atividades de revitalização de seus espaços de convivência e realizaram novas assembleias com quase 400 estudantes para debater os rumos da greve e suas reivindicações de permanência estudantil.

Na segunda semana, os estudantes saíram em ato por três dias seguidos. Estivemos em frente ao Hospital Estadual de Sumaré durante a troca de turno dos trabalhadores e em seguida no centro de Campinas, fechando algumas das maiores avenidas da cidade. Já na universidade, o clima se aquecia cada vez mais. Após uma assembleia geral puxada pelo DCE da Unicamp, 26 cursos chamaram suas próprias assembleias e decidiram por paralisar no dia 18/06, data do último ato da semana, em que os estudantes iriam para São Paulo cobrar diretamente o governo na porta da Secretaria Estadual de Saúde.

Assim, no dia 18/06 a Unicamp amanheceu paralisada, com o curso de medicina em greve, 26 cursos paralisados e três ônibus cheios de estudantes prontos para embarcar

para São Paulo. O ato em frente a Secretaria de Saúde foi enorme, com os estudantes ocupando uma das avenidas mais movimentadas de São Paulo, e com todos os presentes convencidos de que pela luta era possível barrar a privatização. Mais uma vez os estudantes deram aula de como deveria ser conduzido o SUS e mais uma vez o governo foi covarde e não se apresentou para dialogar.

Com a pressão da greve e da opinião pública, a Funcamp foi a única empresa que teve coragem de se inscrever no chamamento público. Assim, a mobilização dos estudantes garantiu mais 5 anos da Unicamp na gestão do hospital! Uma vitória para os estudantes, trabalhadores e toda a população da Região Metropolitana de Campinas!

No entanto, mesmo com a Funcamp encaminhada como gestão, o chamamento continua e as portas para a privatização continuam entreabertas. O contrato não é mais um convênio e a Funcamp administrará o hospital como uma Organização Social de Saúde, correndo o risco que ela leve a cabo todas as medidas prejudiciais aos pacientes e trabalhadores que outras OSS aplicam. Assim, só é possível impedir que isso escalone para uma privatização definitiva com a continuação da atenção e mobilização dos estudantes, professores e trabalhadores.

A luta deve continuar e não podemos nos dar por satisfeitos. A greve comprovou que quem luta, conquista, e não é possível confiar nas instituições para impedir a retirada dos nossos direitos! Precisamos de soluções definitivas e não tapa buracos com prazo de validade. Pelo convênio HES-Unicamp sob administração da Universidade, o HES é hospital escola!



# ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DA SAÚDE SUCATEIAM SAÚDE PÚBLICA DE SÃO PAULO



Fonte: reprodução - OSS são questionadas pelos defensores da saúde pública em todo o Brasil.

Em São Paulo, o SUS enfrenta problemas graves devido à terceirização e privatização promovida pelas OSS com o aval da Prefeitura. Cortes de verbas, diminuições no quadro de funcionários e baixos salários resultam em superlotação, longas filas de espera e sobrecarga dos profissionais de saúde nas UBSs da cidade.

Sistema Único de Saúde (SUS) é um dos serviços essenciais mais importantes do nosso país. A partir dele que a população pode ter acesso a uma saúde pública, gratuita e de qualidade, apesar de diversas insuficiências. Contudo, em todo o país, mas especialmente na cidade de São Paulo, o SUS tem sido entregue a Organizações Sociais de Saúde (OSS), entidades privadas que atentam contra sua transparência, sua eficácia e seu caráter público, tornando-o apenas um atravessador mercantilista.

Assim, apesar da enorme importância que o SUS tem para o povo, temos visto a concessão de seus equipamentos, como hospitais e Unidades Básicas de Saúde (UBSs), para o que

na realidade são empresas terceirizadas apesar das OSS alegarem que “não tem fins lucrativos”) que cortam gastos e diminuem o (quadro de funcionários. Algumas das OSS oferecem mais benefícios, mas em compensação pagam baixos salários.

O resultado desse processo é o sucateamento da saúde pública, aumentando a quantidade de pacientes em filas de espera, fragilizando a autonomia do Estado para intervir em problemas administrativos e dificultando a transparência dos gastos públicos.

## Saúde ameaçada em São Paulo

Dados do IBGE mostram que, em 2019, 17,3 milhões (10,7%) de pessoas de 18 anos ou mais de idade procuraram algum serviço da Atenção Primária à Saúde (APS), como as UBS, nos seis meses anteriores à pesquisa. Entre elas, 69,9% eram mulheres; 53,8% não tinham uma ocupação e 64,7% tinham renda domiciliar per capita inferior a um salário-mínimo.

Nas Unidades Básicas de Saúde da cidade de São Paulo, a terceirização se acelerou na gestão do ex-prefeito Bruno Covas (PSDB) e teve continuidade na atual gestão de Ricardo Nunes (MDB). Cerca de 90% das UBS estão sendo administradas por OSS, em uma verdadeira entrega de dinheiro público para bolsos privados.

A falta de compromisso da prefeitura com a administração pública das Unidades Básicas de Saúde tem uma primeira grande consequência: a superlotação generalizada desses espaços, já que eles contam com um número de funcionários cada vez menor. A so-

recarga dos enfermeiros dentro das unidades se tornou parte de um “novo normal”. [...]

## Tirem as mãos da saúde pública!

A entrega de equipamentos públicos para OSS e as privatizações são medidas realizadas com a promessa de melhorias na gestão e no funcionamento. Porém, como mostra um conjunto de denúncias, essas formas de gestão são pautadas apenas pela sede de recursos públicos escondida pela máscara “sem fins lucrativos” das Organizações Sociais da Saúde, que sempre optam por decisões que prejudicam pacientes e trabalhadores.

As demissões e a precarização do trabalho na saúde pública, além de gerarem mais dificuldades para o sistema absorver a demanda de pacientes, ameaçam o caráter social o SUS e o transformam em um balcão de negócios dos grandes barões da medicina, que tiram o direito da população de acessar uma saúde universal, pública e de qualidade para todos.

Os trabalhadores da saúde e os movimentos em defesa do SUS, por sua vez, defendem um Sistema Único de Saúde 100% público. A experiência dos últimos anos em São Paulo já tem mostrado que é impossível ter uma boa gestão com as OSS, que tiram proveito do sucateamento e da terceirização da saúde.

Para enfrentar esse quadro, os movimentos e o jornal A Verdade convocam os cidadãos que utilizam os serviços de saúde a participar ativamente dos conselhos gestores dos serviços do SUS, como as UBS, os CAPS e as Supervisões Técnicas de Saúde.

-Magno Pereira Rocha e Viviane Damaceno  
Jornal A Verdade 14/08/2024



## DOE SANGUE, CELEBRE A VIDA!



Você sabia que uma única doação de sangue pode salvar até quatro vidas? Doar sangue é um ato de amor e solidariedade. É dar esperança ao sonho de alguém. Quem doa está ajudando pessoas que sofreram acidentes, têm doenças crônicas ou passam por procedimentos cirúrgicos. Procure um hemocentro e doe sangue regularmente. Para saber se você pode doar consulte o site do Hemocentro da Unicamp e do Ministério da Saúde.

Pontos de doação de sangue na Região Municipal de Campinas: Posto Unicamp – Hemocentro; Posto Mário Gatti (Atendimento provisório no Hospital de Amor – à partir de 22/04/2025); Posto Sumaré – Hospital Estadual de Sumaré; Posto Piracicaba – Hemonúcleo; Ônibus itinerante do Hemocentro Unicamp (consultar localização no site)

# FORMAM-SE OS PRIMEIROS MÉDICOS INGRESSANTES NA UNICAMP PELAS COTAS ÉTNICO-RACIAIS



A formatura da turma de medicina da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2024 foi marcada por um componente histórico e simbólico. Nela estava o primeiro grupo de estudantes que ingressou no curso por meio da política de cotas étnico-raciais, no ano de 2019.

No grupo das três melhores universidades da América Latina e segunda mais renomada do Brasil, a Unicamp figura entre 20% das instituições mais reconhecidas do mundo. No entanto, também teve sua história marcada pelas contradições e desigualdades estruturais do Brasil.

O simbolismo da formatura é ainda mais expressivo na medicina, profissão tradicionalmente elitizada no país. Durante a cerimônia de colação de grau, a importância da jornada ficou explícita na fala do estudante Álvaro Almeida - integrante do coletivo Quilombo Ubuntu, criado por estudantes como espaço de acolhimento, escuta, debate e resistência contra a o racismo.

Aluno do sexto ano, ele fez uma homenagem aos pioneiros e pioneiras que se formaram. Nas palavras do futuro médico, o grupo que concluiu a jornada acadêmica fez histórica na defesa das cotas, no combate a fraudes e na abertura do diálogo para uma medicina mais inclusiva, diversa e humana.

"Estamos aqui não apenas para celebrar uma conquista acadêmica, mas para reconhecer um marco de luta e revolução. Ser negro no Brasil é enfrentar não apenas desigualdades econômicas e sociais, mas também carregar o peso de uma história marcada pelo apagamento e pela exclusão. É saber que o corre é dobrado pra gente. É transformar dor em força e silêncio em voz. Formar-se medicina sendo negro nesse país significa compreender que cada conquista pessoal é também ao mesmo tempo, um ato de resistência coletiva."

Foi nesse contexto de mudanças e lutas que a turma vivenciou o curso de medicina. O novo momento exigia e ainda exige políticas

de permanência e combate à violência racial e a construção de uma coletividade voltada para a diversidade. As experiências narradas por quem viveu de perto essa jornada mostram que enfrentar o racismo e a exclusão no ambiente acadêmico é ir além da garantia do ingresso na faculdade.

Integrante da primeira turma, a médica Mirella Menaque da Paz lembra que, no início do curso, era preciso lidar com as afirmações de que a qualidade do curso iria cair com a entrada de pessoas negras pelas cotas.

"Fomos obrigados a ouvir relatos de que o rendimento da faculdade ia cair, porque pessoas pobres, pretas e pardas entrariam. Esse foi o maior impacto que eu sofri. Eram [manifestações de] pessoas que não queriam que estivessemos ocupando esse espaço. A partir do momento em que mudamos o perfil da medicina, nos acusam de ocupar um espaço que não é nosso."

O papel da representatividade na permanência e no período acadêmico é explicitado por Juliana Ferreira Rosa da Silva, também médica formada na turma. "O que me deixou mais confortável foi ver pessoas na minha sala que são semelhantes. Quando eu entrei e vi que tinha pessoas parecidas comigo, que dividem a mesma noção da nossa vida, do que conversamos e vivemos."

Segundo ela, o período na universidade trouxe reflexões sobre o acesso desigual imposto à população negra no Brasil. "Fizemos atendimentos em prisões femininas e a maioria das mulheres eram negras. No contato com elas, ouvindo as histórias, lembrei de situações semelhantes de pessoas que conheci quando era mais nova. Poderia ter sido eu se não tivesse a oportunidade de fazer a faculdade."

## Mudança, mas ainda em luta

O impacto das cotas na Unicamp nos últimos anos é considerável. Entre 2016 e 2018, antes da implementação da política, a porcentagem de pessoas pretas e pardas que ingressavam anualmente na instituição era de 22%. Em 2019 o índice subiu para 35%.

Neste mês de dezembro, a Faculdade de Medicina da USP também celebrou a formatura da sua primeira turma com ingresso por cotas raciais em dezembro de 2024. A iniciativa reserva 50% das vagas para cotas, sendo 36% para pretos, pardos e indígenas. A cerimônia também contou com a presença coletiva e popular por meio do

Núcleo Ayé, movimento de apoio aos estudantes.

Mas a mudança ainda precisa ser estrutural, segundo a médica Maitê Vasconcelos, que também se formou na primeira turma com inclusão de cotas. Ela não ingressou pelo sistema de cotas, mas fez parte do Profis, um programa de inclusão da Unicamp voltado para alunos de escola pública de Campinas.

Vasconcelos diz ter presenciado alguma diminuição nas manifestações diretas do racismo no ambiente acadêmico ao longo do tempo em que esteve no curso. No entanto, ela considera que a transformação ainda não é profunda.

"Eu consigo dizer com certeza que essa noção foi criada, mas não é porque as pessoas acham que o que pensam é errado, é simplesmente uma noção para não ser cancelado. É como se pensassem: 'sobre isso aqui eu vou ficar quieto'."

O relato da veterana repete a percepção das próximas gerações sobre a importância da coletividade no processo. Ela cita o peso do Quilombo Ubuntu: "é um lugar em que você sabe que vai encontrar os seus".

Estudantes do segundo ano da faculdade de medicina, Marília Isabel Araújo da Silva e Pedro Henrique Ramos da Silva integram a coordenação do coletivo atualmente. Eles conversaram com o **Brasil de Fato** sobre como a iniciativa também abre espaço de reflexão para um novo Sistema Único de Saúde (SUS), que se contraponha ao legado social racista do país.

Segundo o futuro médico, esse caminho exige mudanças no currículo, que hoje não leva em consideração questões raciais e perpetua um sistema de saúde que negligencia as necessidades da população negra. "O que fez eu me engajar foi a percepção de que algumas coisas que aprendemos nas aulas, o que vai chegar na ponta do SUS é a perpetuação do genocídio negro."

Marília Isabel questiona o papel do "título branco" da medicina sem essa mudança. "Para a minha população, o que significa eu me graduar da forma como essa graduação quer que eu me gradue? Nada."

Após a implementação das cotas, a resistência à discussão da temática racial no ambiente acadêmico surge como um dos principais obstáculos para a consolidação do processo de inclusão. [...]

# ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

## BOLSAS AUXÍLIO

### BAS – Bolsa Auxílio-Social

Bolsa para estudantes da Unicamp que possuem dificuldades socioeconômicas para arcar com o custo de vida nas cidades de seus campi. É necessário trabalhar em um Projeto BAS de sua área de formação ou de cunho social, recebendo orientação do(a) proponente do projeto. A BAS também concede isenção da taxa de alimentação e auxílio transporte. O número de bolsas disponíveis é distribuído, até se esgotar, para estudantes de menor Índice de Classificação Socioeconômica (IC).

Valor da bolsa atualmente: R\$ 857,00 + valor de 2 passes de transporte público coletivo da cidade de Campinas.

Carga horária exigida: 10 horas semanais/40 horas mensais.

Duração/Tempo de vigência: máximo de 12 meses (é necessário se inscrever novamente a cada ano para continuar recebendo o benefício).



### BAI – Bolsa Auxílio-Instalação

Auxílio financeiro para estudantes ingressantes em cursos de graduação da Unicamp que possuem dificuldades para custear seus primeiros gastos na vida universitária.

É necessário ter realizado inscrição no processo seletivo anual de Bolsas Sociais (Orientações de Inscrição para Bolsas Sociais), feita no Sistema SIG, e ter obtido deferimento para BAS. O Serviço Social da DEAPE avalia quais estudantes precisam receber BAI. Valor da bolsa: R\$ 444,00. O aluno recebe um único pagamento em uma única parcela no seu ano de ingresso na Unicamp.

### BE – Bolsa Emergência

Bolsa concedida a estudantes da Unicamp que apresentem necessidade de auxílio financeiro em situações emergenciais. Os casos são avaliados pela DEAPE, e se considerados pertinentes aos objetivos da Bolsa Emergência, é concedida a Bolsa Emergência e auxílio transporte. Pode vir a ser concedida isenção emergencial da taxa de alimentação a depender da situação.

É para estudantes, de graduação e pós-gra-

duação, com matrícula regular na Unicamp, que nunca tenham recebido o valor total desta bolsa em sua vida acadêmica nesta Universidade, e que apresentem necessidade financeira emergencial.

Pode-se receber o valor integral da bolsa ou 50% deste, dependendo da necessidade financeira apresentada.

### BAS-IC – Bolsa Auxílio-Social

Incentivo Complementar

É uma modalidade da BAS e foi criada para que se possa ser bolsista BAS mesmo recebendo bolsa, de valor menor, de outro programa financiador de projetos acadêmicos. Além de conceder isenção da taxa de alimentação e auxílio transporte, benefícios previstos na BAS. O estudante deve estar atuando em projetos de ensino, pesquisa ou extensão de órgãos públicos brasileiros, recebendo bolsas autorizadas a se combinarem com a BAS-IC.

Carga horária exigida: A carga horária a ser cumprida é aquela exigida para o cumprimento do projeto, alheio à BAS, pelo qual se recebe bolsa.

### BAM & BAME – Bolsa Auxílio

Moradia & Auxílio Moradia Estúdio

São parte das bolsas sociais da DEAPE, compondo com estas um mesmo edital e processo seletivo. Ambas as bolsas visam auxiliar estudantes da Unicamp que moram fora das cidades e regiões metropolitanas dos campi da Universidade (Limeira, Piracicaba e Campinas), e que têm dificuldades de custear moradia nessas localidades. Não havendo contemplação pelo Programa de Moradia Estudantil (PME), podem receber os auxílios moradia para conseguirem pagar residência para si (BAM) ou para suas famílias (BAME), na cidade onde estudam. Valor da bolsa: R\$ 688,00. O pagamento é mensal.

### BAT – Benefício de Auxílio Transporte

A BAT é uma das bolsas sociais da DEAPE, compondo com estas um mesmo edital e processo seletivo. Este benefício visa custear dois passes populares do transporte público coletivo municipal por dia útil, para estudantes com dificuldades financeiras para

se deslocar até a Unicamp. Além disso, concede isenção da taxa de alimentação. Valor da bolsa: o valor de dois passes populares do transporte público coletivo da cidade de Campinas multiplicado pelos dias úteis do mês base de pagamento. O pagamento é mensal.

## ALUGUÉIS ABUSIVOS EM BARÃO E A IMPORTÂNCIA DA MORADIA ESTUDANTIL

O distrito de Barão Geraldo, localizado em Campinas, é responsável por abrigar a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Nessa região, há uma grande concentração de estudantes, professores, pesquisadores e demais profissionais que trabalham na instituição que procuram residir próximo ao campus. Como resultado, há diversos tipos de moradias ofertadas, em especial kitnets, pensionatos, repúblicas e apartamentos (este último geralmente é encontrado no centro de barão geraldo, um pouco mais distante do campus em si)

Embora seja possível encontrar muitas opções para diferentes perfis, há um grande problema que vem incomodando diversos moradores de Barão Geraldo: os preços abusivos dos aluguéis nos últimos anos na região. O fato de ser uma localização atrativa para aqueles que possuem algum tipo de ligação com a universidade e uma grande parte dos alunos não serem originalmente de Campinas faz com que muitos investidores se aproveitem da falta de regulação dos preços dos aluguéis e cobram valores absurdos em kitnets e pensionatos pequenos (que são considerados opções mais econômicas em outras localidades). Isso certamente faz com que os alunos e pesquisadores com menor poder aquisitivo enfrentem muitas dificuldades para se manter na universidade. Como uma alternativa para essa questão, há a Moradia Estudantil da Unicamp, uma das políticas de permanência estudantil ofertadas. Ela está localizada em Barão Geraldo, e é destinada a estudantes de baixa renda, permitindo que esse grupo possa realizar suas atividades na faculdade sem os custos de um aluguel, e ajudando a garantir a sua permanência. Os estudantes selecionados para residir na Moradia passam por uma avaliação no Serviço de Apoio ao



Estudante (SAE), que leva em consideração a renda familiar e outros aspectos. Os alunos que vivem na Moradia residem em dormitórios com quarto, banheiro e cozinha, compartilhando sua nova residência com outros estudantes. Ademais, há outros espaços comuns como quadras esportivas e salas de estudo.

Apesar da extrema importância da Moradia Estudantil, atualmente existem muitos desafios, como a falta de vagas, a superlotação e a falta de manutenção nos espaços, o que demonstra a importância dos movimentos estudantis, que estão reivindicando criações de novas unidades, manutenções nas áreas já existentes.

### SAÚDE MENTAL:

Ingressar no curso de medicina na Unicamp é um grande sonho, e quando alcançamos esse feito a felicidade é indescritível, mas sabemos que para além de infinitas alegrias e oportunidades, o curso coloca grandes desafios no nosso caminho. São muitas horas, muita matéria, provas e diante disso tudo podemos ficar sobrecarregados e vulneráveis ao estresse e ansiedade, e é por isso que ter um suporte psicológico acessível para os estudantes é tão fundamental!

Para tal, a universidade criou o GRAPEME, um

serviço de atendimento psicológico e psiquiátrico oferecido aos estudantes da FCM, que busca fornecer auxílio ao estudante com diversas questões emocionais, sociais, referentes à adaptação e aos desafios nas diversas etapas da graduação. As atividades são realizadas no CECOM e funcionam com atendimentos individuais, tanto online quanto presencial.

Infelizmente, o serviço está sobrecarregado e demorado, mas ainda é uma opção acessível e fundamental para o cuidado da saúde mental dos estudantes da medicina.

Para agendar consulta é necessário preencher um formulário online que você encontra no site <https://www.fcm.unicamp.br/ensino-extensao/graduacao/grapeme-grupo-de-apoio-ao-estudante-da-fcm>

Além dos serviços ofertados pela universidade, os Coletivos fazem um trabalho sensacional de acolhimento e apoio conjunto, fortalecendo os estudantes em seu caminho durante a graduação ao construir um ambiente de escuta e afeto. Ademais, o CAAL, como a instituição que representa os estudantes da medicina Unicamp, está de braços abertos para acolher a todos e lutar pelos nossos direitos! O direito por uma saúde mental de qualidade faz parte da nossa luta e

é através da união dos estudantes que se conquista!

### RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO:

O campus de Campinas possui 3 restaurantes abertos a todas as pessoas vinculadas à UNICAMP, o Restaurante Universitário (famoso RU), o Restaurante da Saturnino (RS) e o Restaurante Administrativo (RA). Além destes, há ainda os refeitórios do HC e do CAISM, disponíveis aos alunos da medicina que apresentem atividades nesses locais, via de regra, a partir do 4º e 5º anos. O acesso aos restaurantes custa 3 reais no almoço e janta e 2 reais no café da manhã, debitados do Cartão Universitário (a carteirinha, ou RA). Atualmente, todos os restaurantes ficam abertos de segunda a sexta, e aos fins de semana, apenas o RS. A abertura do “bandeirão” de fim de semana foi uma conquista da greve de 2023, que focava principalmente em questões de inclusão e permanência estudantis, dentre elas as cotas DEF, cotas trans, melhoras nas condições da moradia estudantil e segurança alimentar para todos os alunos.

-Departamento de Suporte Estudantil

# HISTÓRIA DA MORADIA ESTUDANTIL DA UNICAMP

Sabia que a moradia da Unicamp nasceu de uma ocupação? Inspirados nas organizações comunitárias indígenas, estudantes organizados no movimento Taba ocuparam as salas do Ciclo Básico por 2 anos reivindicando moradia gratuita para os estudantes de baixa renda.

O movimento se chamava Taba justamente pois se inspirava nas tabas indígenas, unidades de organização social e territorial dos povos indígenas do tronco tupi-guarani estruturadas com base na coletividade, regras de convivência e forte ênfase na cooperação.

Assim, a moras nasce como conquista da luta dos estudantes que após dois anos de ocupação conquistam a construção da moradia em 1986. Na época, foram prometidas 1500 vagas (10% do total de estudantes da época), mas essa promessa nunca foi cumprida e a moradia conta até hoje com cerca de 900 vagas apesar do crescimento do número total de estudantes.

“Estamos cansados de todos os anos ter-

mos de receber vários estudantes sem ter condições de acolher todo mundo aqui dentro. As casas chegam a ficar com 10 estudantes no início do ano. Além disso, as casas nunca passaram por uma reforma desde sua construção” diz Laura Khaddour, RD da moradia e coordenadora geral do DCE.

Desde seu nascimento a moradia foi pioneira, exemplo e palco de diversas lutas da Unicamp. Hoje a grande luta da moradia é por ampliação e melhorias e, com a greve de 2023 tomou ainda mais corpo.

Os últimos anos têm sido anos de muita luta. No início de 2024, tivemos as enchentes que escancararam o descaso da Unicamp com os estudantes pobres e evidenciaram que a organização e solidariedade coletiva dos estudantes era o único caminho. Em 2023 tivemos a greve, essencial para a abertura do bandeirão no final de semana, inauguração da lavanderia e aprovação da compra de novo terreno para ampliação da moradia.

Assim como acontece todos os anos, os moradores se organizaram para acolher



ingressantes no momento de sua chegada e, ao longo do ano, realizaram vários eventos culturais como a calourada da moras e logo menos a tradicional festa junina.

Para dar um passo a mais na organização dos moradores, existe a proposta de criação de uma associação de moradores, que poderá dar novos ares à luta da moradia.

-Redação Jornal Patológico

# CAAL APRESENTA: AMÉLIA FLOR



Eu cresci no interior de Minas Gerais, com a minha mãe, meu irmão e meu padrasto (inclusive o "Flor" do meu nome é o sobrenome dele, uma homenagem que fiz ao retificar em cartório).

De certa forma, sempre tive uma percepção de não encaixe nos ditames de gênero que comumente são impostos. E isso me fez crescer sendo uma pessoa observadora do mundo, introspectiva e calada. Sempre digo que naquela época o meu mundo interno era caótico, mas ao mesmo tempo rico de histórias que eu gostava de inventar sozinha. As artes sempre foram minhas companheiras nessa fase. É claro que eu não me impedi de fazer amizades e de tentar me encaixar (e falhava, felizmente) na personagem que as pessoas queriam que eu interpretasse.

Eu acho que a minha história na Medicina se entrelaça de maneira irreversível à minha necessidade de afirmação de gênero.

Descobri a palavra transgênero aos 13 anos e guardei ela comigo, porque eu sabia que ninguém no meu contexto da época compreenderia. O importante é que encontrara a nomeação pra minhas angústias. E no meu terceiro ano do ensino médio, época de escolher a profissão, acabei escolhendo medicina. Não porque eu queria cuidar de pessoas ou por um heroísmo barato que é vendido por quem faz essa escolha, mas sim por dois motivos. Primeiro, era uma forma de eu convencer minha mãe e meu padrasto a investir em mim, a sair da cidade e fazer um

cursinho longe; e segundo, porque eu queria ser reconhecida como algo pra além das possibilidades que me eram dadas, superar os limites da minha condição social (minha mãe sempre dizia que "filho de pobre não tem vez"). E assim eu consegui, não sem dificuldades, vir pra São Paulo e depois pra Campinas pra estudar. Consegui passar em medicina, mas ainda faltava algo... faltava eu!

E foi no segundo semestre do primeiro ano que fui até a frente de uma sala de aula no IB e contei pra minha turma que, a partir daquele momento, meus pronomes eram femininos, que eu era uma mulher trans e que me dispunha a esclarecer qualquer dúvida a respeito dos processos de afirmação de gênero pelos quais eu ia passar. E, nesse ato, eu fiz algo que nunca tinha feito antes, algo que me adoeceria ao mesmo tempo em que me tornaria a mulher de hoje: Eu ergui a voz!

Não imaginava que esse ato, essa pretensão pedagógica, ia construir uma paixão pelo ensino e ver nele uma potência libertadora. Obviamente eu tive que estudar, tive que correr atrás de aprender sobre mim, aprender a argumentar a favor da minha existência e da minha gente.

Muita coisa aconteceu nos primeiros meses, eu tomei consciência racial, me juntei com uma turma de colegas pra fundar o **Aquarela** (Coletivo LGBTQIAPN+ da FCM), junto com amigas propus minha participação no **Muda** (coletivo feminista da FCM) e assumi uma personalidade combativa e questionadora. Era essa mulher-médica-trans que eu estava me tornando.

Contudo, as brigas sucessivas pra existir, vendo meu nome sendo desrespeitado, os olhares de estranhamento vindo de alguns docentes, a expulsão de banheiros, a cobrança excessiva por notas ("a primeira tinha que mostrar que somos capazes de estar ali, não?!") por militância, por estar, por falar, por saber, acabaram me adoecendo.

Nessa época, eu tive amigas fiéis, que ficaram do meu lado, que cuidaram de mim: Sofia Gallina e Olgata Marianne. Nós éramos um trio, e elas me ajudaram a ficar viva pra poder contar isso hoje, elas me ajudaram a forjar em lágrimas, vinho e feminismo a Amélia Flor.

Tive grande apoio de alguns docentes, médicos-assistentes e pós-graduandos que me orgulho de dizer que tenho uma profunda admiração e amizade eterna: Daniele Sacardo, Diego Ribeiro, Thaís

Araújo, Silvio Consonni, Marcelo Lopes, Amilton Júnior, André Palma, Fabiano Reis, Fernanda Surita, Felipe Franco, Jonathas Justino.

Todos esses nomes marcaram e ainda marcam minha vida de forma muito positiva. Não posso esquecer de duas pessoas especiais na FCM, que são a Lila Araújo e a Fran Ferreira, duas funcionárias da Lego que cuidaram e cuidam de mim com muito

-Amélia Flor

## COTAS TRANS APROVADAS NA UNICAMP



Fruto da greve de 2023 e de anos de luta do Ateliê Transmoras e do Núcleo de Consciência Trans, as cotas são aprovadas por unanimidade! No dia 01/04, os estudantes paralisaram em defesa das cotas trans e construíram um dia de luta vitorioso, saindo do Conselho Universitário com essa enorme conquista e tornando a Unicamp a primeira estadual paulista a aprovar as Cotas Trans!

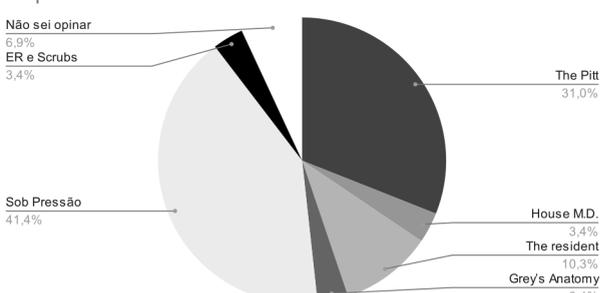
*"Que venha uma possibilidade maior de fazê-los falar a nossa língua, que venha uma possibilidade maior de barrar o lucro advindo do nosso sangue. A farrá com a nossa dor está com os dias contados. Chega de ser somente o objeto de pesquisa deles. Chega de ser o animal raro usado para promover o ego da cisgeneridade. Chega de encarar olhares e transfobia sem uma mão irmã que nos ampare. Aos poucos, estamos crescendo dentro deste e de todos os espaços que nos é de direito. As sementes da esperança vão brotar e vão sobreviver a fim de escrever a própria história dentro e fora da academia. Estaremos juntas, juntos e juntas. Talvez a luta continue a ser desigual, eles são fortes, detêm vantagens históricas, estão acomodados à posse desse espaço e a ignorar nossa existência quando não subalternizada. Não mais. A luta corre em nosso sangue. A transcestralidade nos guia e nos fortalece."*

# SÉRIES MÉDICAS: QUAIS SÃO AS FAVORITAS DA MED UNICAMP?

De onde surge o fascínio pelas histórias que apresentam o dia a dia de uma determinada profissão? De séries médicas a dramas policiais, de bombeiros a cozinheiros, essas narrativas exercem um papel significativo na construção do prestígio, no despertar do interesse e na valorização geral do trabalho que representam, mas será que são fiéis em seus retratos?

Quando se trata da medicina e as mídias que retratam os profissionais da saúde, sabemos que os fãs são numerosos e que, muitas vezes, elas até mesmo recebem o crédito por inspirar escolhas de carreira.

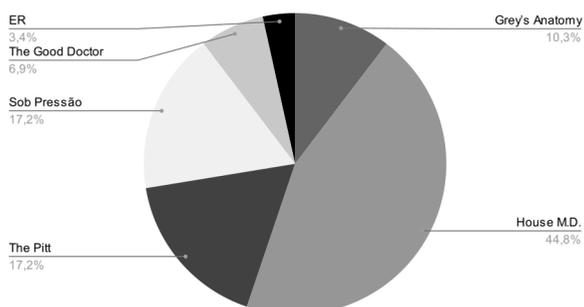
Qual dessas séries você considera mais próxima da realidade da profissão médica?



Mas, afinal, o que é mais relevante e o que realmente impulsiona o consumo dessas histórias? Seria a busca por uma distração do próprio cotidiano estressante? Ou talvez um anseio por representação e uma idealização da profissão que exercemos ou almejamos exercer?

Com o objetivo de explorar essas questões e identificar as séries favoritas do corpo estudantil, aplicamos um questionário. O levantamento ofereceu uma seleção de séries conhecidas e a

Qual é a sua série médica preferida?



possibilidade de indicar outras produções.

É notável que o critério do realismo nem sempre se configurou como a característica mais valorizada pelos estudantes. House M.D., por exemplo, foi a série mais votada, conquistando 44,8% da preferência, contudo, somente 3,4% dos entrevistados a consideram próxima da realidade profissional. Por outro lado, Sob Pressão se destacou como uma exceção, sendo bem avaliada tanto em preferência quanto em fidelidade à rotina médica.

Confira a seguir um breve resumo das séries mais votadas pelos nossos estudantes:

## House M.D.

A série de 8 temporadas trata do dia a dia de um dos médicos mais peculiares da televisão. Estreou em 2004, mas ainda faz sucesso entre o público mais jovem, inclusive foi nossa campeã de preferência na pesquisa na med Unicamp!

A história se passa no fictício Hospital-Escola Plainsboro de Princeton, no estado de Nova Jersey, acompanhando as investigações não tradicionais para conclusão de diagnósticos li-

deradas por Gregory House, estrelado por Hugh Laurie.

## The Pitt

Série recém saída do forno já conquistou o público por conta da sua aproximação do real, estreou esse ano (2025) e foi renovada para uma próxima temporada. Na med Unicamp, ocupou tanto em preferência como em aproximação do real a segunda posição, podendo indicar a ascensão do show na crítica do público.

The Pitt, o poço, é como foi apelidado a emergência do fictício hospital de Pittsburgh. A série é construída para que cada episódio seja 1 hora desse departamento vinculado ao pronto socorro, o que faz com que seja bem imersiva. A produção tem um aspecto interessante, apesar de certo protagonismo do Dr Robinavitch, o médico responsável pelo setor, há um retrato de como a equipe do hospital é multiprofissional, mostrando a importância da enfermagem e da assistência social.

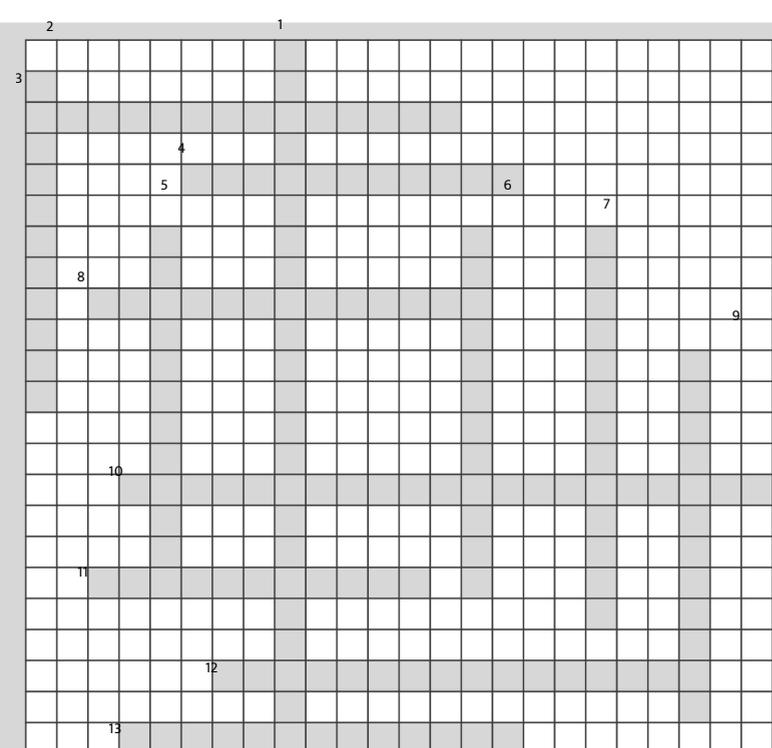
## Sob Pressão

A produção brasileira estreou em 2017 e conta com 5 temporadas e um especial, o Plantão Covid, mostrando o cenário pandêmico no Brasil. Foi considerado nessa pesquisa o mais próximo da realidade médica, e vem empatado com the Pitt em termos de preferência.

A trama retrata a equipe de emergência de um hospital público do Rio de Janeiro, trazendo vários dilemas da gestão de recursos. Uma curiosidade é que essa série é baseada em um livro de 2014 escrito por Márcio Maranhão.

-Redação Jornal Patológico

# PALAVRAS CRUZADAS: PERSONALIDADES DA SAÚDE E HOMENAGEADOS DO CAAL



## Vertical

1. Autora do clássico "Quarto de Despejo" (já foi nome de gestão do CAAL)
2. Médico dirigente da Revolução Cubana
5. Ginecologista e militante comunista brasileira (já foi nome de gestão do CAAL)
6. Psiquiatra autor de "Os Condenados da Terra"
7. Estudante de medicina alagoano assassinado pela ditadura militar e fundador do Partido Comunista Revolucionário
9. Um dos responsáveis pela criação do Instituto Butantan

## Horizontal

3. Escreveu "A questão democrática na área da saúde", que serviu de diretriz política para a criação do SUS
4. Primeira mulher trans a se formar médica pela Unicamp (nome da atual gestão do CAAL)
8. Um dos principais responsáveis pela criação do SUS e líder do Movimento Sanitarista
10. Primeira médica negra do Brasil (já foi nome de gestão do CAAL)
11. Homenageado na sigla CAAL
12. Médica expoente na luta antimanicomial (já foi nome de gestão do CAAL)
13. Descobriu o protozoário Trypanosoma Cruzi

# N O S S A F A C U L D A D E

É um prazer colaborar neste primeiro número do "O Pato Lógico". A gentileza do convite demonstra o interesse dos alunos para com os mestres e dentre eles para com o mais velho em idade e na hierarquia - o diretor da Faculdade.



Vista da FACULDADE DE MEDICINA (Prédio provisório)

As lutas que se travaram no passado para instalação de uma Faculdade de Medicina em nossa terra, remontam a 1947. Da primeira idéia, de Luso Ventura no Correio Popular, da lei de autoria do Deputado Rui de Almeida Barbosa à lei 7655 de 28 de Dezembro de 1962, a caminhada foi áspera e à trilha semeada de tropeços. Por várias vezes as Sociedades de classe de Campinas se constituíram em Conselho de Entidades para estudar o assunto e dar corpo às aspirações de nossa cidade. A falta de planejamento no setor do ensino permitia a diferentes chefes de executivo a oportunidade, ou antes a faculdade, de criarem várias faculdades no interior do Estado, sendo Campinas inteiramente esquecida, pois que não era sede de nenhum órgão de ensino superior, de responsabilidade do Estado. No ano de 1962 constituiu-se novamente o Conselho de Entidades dinamizado pela inteligência e entusiasmo de todos os representantes de associações de classe de Campinas. Sem diminuir a contribuição de qualquer deles é justo sa-

lutar as trazidas pelos Drs. Eduardo de Barros Pimentel e Roberto Franco do Amaral. Este Conselho não poupou trabalhos, idas e vindas a São Paulo, reuniões, propaganda, palestras, audiências, etc., até conseguir do ilustre Governador Carvalho Pinto a sanção da lei n.º 7655 que dava a Campinas, não somente a sonhada Faculdade, mas uma Universidade estruturada em moldes modernos, a primeira Universidade Oficial no interior do Estado. Mas, a sanção da lei não autorizava a instalação de uma Faculdade sequer.

Ao assumir o governo o dr. Ademar de Barros, um dos primeiros atos de S. Excia. foi autorizar o funcionamento da Faculdade de Medicina, ainda em 1963. Nomeado Diretor da Faculdade a 28 de Fevereiro iniciamos a luta para sua instalação. E' de hoje esta luta e é cedo ainda para ser histórica. Convém antes olhar o futuro e lutar para que seja promissor. O fato é que a Faculdade será de alto padrão. Os laboratórios já estão relativamente bem equipados e o serão melhor ainda. Os professores são sele-

cionados mediante concurso de títulos e todos, sem exceção, tanto os que estão em no próximo ano, de alto gabarito científico e moral.

Apesar de ocupar instalações provisórias tanto os Institutos como a Faculdade de Medicina estão capacitados a proporcionar ótimo ensino médico.

A necessidade de planejamento científico da futura cidade universitária obrigará, na certa, a permanência maior nestas instalações provisórias. Mas, conquanto sejam importantes instalações confortáveis, a ciência está cheia de exemplos de sábios que trabalharam em péssimas condições materiais de instalações e que fizeram importantes descobertas, exercício como os que virão

porque não lhes faltava o material de pesquisa, o apóio financeiro, o incentivo, o entusiasmo e inspiração criadora. Assim, a Faculdade de Medicina tem progredido porque professores e alunos suprem a deficiência natural dos primeiros anos, com seu incentivo e invejável ardor. Faço votos, neste primeiro número do "O Pato Lógico" para que continuemos, professores e alunos, irmanados como até agora, para elevar nossa Faculdade à categoria de alto padrão, finalidade almejada por todos nós e que só será conseguida pelo esforço comum de professores e alunos.

Prof. Dr. Antonio Augusto  
de Almeida - Diretor

## Vacina Sabin na Faculdade de Medicina



O Departamento de Medicina Preventiva colaborando com a Secretaria de Saúde local, participou da campanha da vacinação "Sabin".

O número de crianças vacinadas na Faculdade foi bem significativo, atingindo um total de 3400. As filas se renovavam a cada instante e o espírito de cooperação esteve sempre presente, unindo pessoas de diversas naturalidades.

Os acadêmicos trabalharam intensamente fazendo funcionar até quatro postos para melhor atender a todos.

Em breve espera o Departamento de Medicina Preventiva, órgão oficial do Centro Acadêmico "Adolfo Lutz", novamente realizar essa campanha de tão alto significado e para isto contar mais uma vez com a preciosa colaboração de todos.

## Gabarito palavras cruzadas

Vertical: 1. Carolina Maria de Jesus; 2. Che Guevara; 5. Maria Aragão; 6. Frantz Fanon; 7. Manoel Lisboa; 9. Emilio Ribas

Horizontal: 3. Hésio Cordeiro; 4. Amélia Flor; 8. Sérgio Arouca; 10. Maria Odília Teixeira; 11. Adolfo Lutz; 12. Nise da Silveira; 13. Carlos Chagas



# Poliedro

## Curso

“Fiz cursinho no Poliedro Campinas em 2023, e foi essencial para a minha aprovação! Foi um ano de muito estudo e dedicação, e os professores, o material didático, os plantões de dúvida e redação e também o apoio psicológico que eles oferecem foram muito importantes para me manter motivada e focada ao longo do ano. No geral, tive uma ótima experiência.”

- **Maria Luiza Diniz, turma 62**

**Essa edição do jornal  
O Patológico está sendo viabilizada  
pelo Poliedro Curso. Confira os  
relatos de estudantes da Medicina**

**Unicamp que são ex-alunos!**

**Contato: (12) 3928-1616**

**(WhatsApp)**

“Estudei dois anos em outro cursinho antes de ir para o Poliedro. Já estava cansada, desmotivada, achando que talvez medicina na Unicamp fosse um sonho alto demais. Mas no Poliedro, tudo mudou. Eles me deram exatamente o suporte que eu precisava: acolhimento, estrutura e, principalmente, liberdade. Ali, eu não era mais só mais uma aluna. Tive autonomia para montar meu cronograma de estudos de acordo com meu ritmo e dificuldades, sem pressão desnecessária. Os professores eram excelentes, a coordenação sempre próxima e aberta. As monitoras de redação, com certeza, deram o ponto final! Elas eram atenciosas e me ajudavam em cada vírgula. Tudo também só foi possível por elas.

No fim do ano, fui aprovada em Medicina na Unicamp e em outras três universidades públicas. E sei que a virada aconteceu ali. O Poliedro foi, de verdade, o diferencial.”

- **Tainá Avancchi, turma 62**

“Fazer cursinho no Poliedro Campinas foi fundamental para a minha aprovação em Medicina na Unicamp. A estrutura pedagógica é bem eficiente, com um cronograma planejado, material didático completo e atualizado, e simulados que reproduzem o estilo das principais bancas. As aulas são objetivas, fáceis de entender e focadas, conduzidas por professores que dominam muito os conteúdos e a lógica dos vestibulares, especialmente da Unicamp, que exige interpretação, raciocínio crítico e domínio interdisciplinar. Lá pude contar com uma carga de exercícios muito bem selecionada, além de revisões estratégicas que fizeram muita diferença no meu desempenho. Além disso, a metodologia e o cronograma intensos, e o nível de exigência foram cruciais para que eu alcançasse a aprovação. A base sólida que construí lá não só me deu segurança na prova, como também me preparou para os desafios da graduação em Medicina.”

- **Gustavo Krebsky, turma 62**

“Cheguei ao Poliedro em 2022, depois de dois anos de cursinho durante a pandemia, em que não consegui estudar direito de forma online e me sentia despreparada. Foi lá que encontrei um ambiente que me ajudou a retomar a disciplina, com uma alta carga horária de aulas presenciais e locais de estudo que me permitiam manter o foco ao longo do dia. Para mim, 2022 foi um ano de adaptação, mas em 2023 senti de verdade o quanto estar lá fez diferença. Estudar em um ambiente em que todos estavam focados e poder ficar lá até as 21h estudando me ajudou a manter a constância, mesmo nos dias de cansaço, visto que a minha casa se tornou um local apenas para descanso. Ainda, contar com o apoio dos coordenadores e das psicólogas foi essencial para ajustar minha rotina e aprender a definir prioridades de estudo. Por fim, os simulados semanais também foram muito importantes para treinar o ritmo e as estratégias de prova, me deixando preparada para os longos dias de vestibular. Apesar de ter sido meu quarto ano de cursinho, lembro de 2023 com muito carinho, pois fiz muitos amigos no Poliedro que me apoiaram nos momentos difíceis. Todos esses fatores me ajudaram a conquistar minha aprovação em medicina em janeiro de 2024 na Unicamp e em outras faculdades paulistas. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de estudar lá, porque, apesar de ter sido um período desafiador, foi essencial para a minha aprovação e me permitiu criar amizades que levo para vida.”

- **Gabriella Tesch, turma 62**

# Onde surgiu o direito à saúde?



Hoje quando pensamos em saúde no Brasil é impossível não pensar imediatamente no SUS. Nem parece que foi só na Constituição de 1988 que a saúde foi reconhecida como um direito universal. Muito menos que foi ontem (há 35 anos) que a classe trabalhadora do nosso país, organizada no movimento da Reforma Sanitária, arrancou uma das maiores conquistas da nossa história: o Sistema Único de Saúde.

Mas onde foi que essa história de saúde ser direito surgiu? Com certeza vai ter quem aposte que foi num país capitalista bem desenvolvido. Sem dúvida foi na Inglaterra com seu famoso sistema de saúde, o NHS! Mas a realidade é outra: a saúde como direito universal foi mais uma das inúmeras conquistas da primeira revolução socialista da história e da construção do socialismo na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)!

Em 1917, o Partido Bolchevique toma o poder e em 1918 é criado um sistema de saúde público, gratuito e universal, com 5 níveis de atenção à saúde e tendo a Atenção Primária como sua base.

A verdade é que a URSS desenvolveu políticas e programas sociais asseguradas pelo Estado antes de qualquer outro lugar do mundo. A revolução não só garantiu essas conquistas nas repúblicas socialistas mas também impulsionou a expansão das funções dos próprios Estados capitalistas, tanto na repressão e contenção de revoluções socialistas quanto na adoção de políticas sociais necessárias diante de um movimento operário cada vez mais radicalizado.

Assim, apesar de as origens das políticas sociais serem complexas e influenciadas por vários fatores, nos países capitalistas a burguesia se viu obrigada a entregar os anéis para não perder os dedos, vendo o movimento operário crescer após a vitória dos bolcheviques e temendo uma revolução em seu próprio país.

Na saúde não foi diferente e desde os primeiros anos do movimento revolucionário ela já era uma das pautas centrais, com um número expressivo de trabalhadores da saúde organizados no partido bolchevique

Como afirma a historiadora Irina Sirotkina, “os problemas acerca da saúde pública fizeram com que os médicos se tornassem um dos grupos mais radicais da intelectualidade. Tornando-se críticos das políticas governamentais sobre saúde pública, muitos

deles se tornaram também críticos do regime. Durante os eventos revolucionários, os médicos culpavam o regime repressivo por destruir a saúde da população.”

Com a vitória da revolução, o partido bolchevique aproveitou parte da estrutura do precário e insuficiente sistema de saúde Zemstvo e construiu pela primeira vez na história um sistema de saúde universal. Deve-se destacar que, como afirma o historiador de medicina Henry Sigerist, “as falhas no sistema Zemstvo não foram resultado de um plano mal construído, mas do sistema econômico e social sobre o qual ele trabalhava. Quando esse sistema foi substituído, o caminho estava livre para uma rápida expansão”

Assim, com a construção do socialismo em curso e o “caminho livre”, a partir do primeiro plano quinquenal de Stalin o orçamento da saúde já estava estabelecido e foram feitos os investimentos necessários para a ampla generalização do sistema universal. Com isso, nos anos 1930, a URSS já tinha estabelecido um sistema de saúde totalmente integrado, territorializado, universal e gratuito, contrastando com a “pioneira” Inglaterra, que só construiu seu sistema de saúde pública depois da Segunda Guerra Mundial.

Para garantir o planejamento e melhor coordenação das políticas de saúde, a Rússia soviética liquidou e reorganizou todas as organizações médicas e assistenciais do período pré-revolução, abolindo as instituições filantrópicas e as integrando sob controle do Estado proletário. Assim, idealizado pelo médico bolchevique Semansko, o novo modelo de sistema de saúde se baseava na saúde preventiva e, inspirado nos soviets, tinha mecanismos de participação popular na tomada de decisões, com todas as atividades sendo dirigidas por órgãos centralizados, as comissões de saúde popular. Qualquer semelhança com os princípios e com a estrutura atual do SUS não é mera coincidência!

Agora, será que os problemas que vemos todos os dias no nosso sistema de saúde são problemas do SUS ou de um sistema que dá menos de 4% do orçamento público para a saúde e quase metade para pagamento de juros aos grandes bancos? Será que as filas intermináveis, a falta de profissionais e estrutura, os serviços precarizados e as condições de trabalho cada vez piores são um problema do SUS ou de um sistema em que a saúde não é vista como direito mas como mercadoria? O problema é o SUS ou o capitalismo?

-Redação Jornal Patológico

LAVE  WAVE  
LAVANDERIA AUTOSSERVIÇO

A Lavanderia  
PREMIUM de  
Autosserviço  
feita para  
VOCÊ!

## Ministério da Saúde incorpora vacina contra VSR no SUS

Vírus Sincicial Respiratório (VSR) é responsável por cerca de 80% de todos os casos de bronquiolite, principalmente entre os menores de 2 anos, e até 60% das pneumonias em crianças. Nessa faixa etária, a mortalidade em decorrência da infecção é maior. A vacina será ofertada proteger os grupos mais vulneráveis à doença: idosos e bebês. Para proteger os pequenos, a vacina será administrada nas mães durante a gestação.

No estudo para indicação materno-fetal, a vacina se mostrou capaz de prevenir 82% das formas graves de doenças respiratórias causadas pelo VSR em crianças de até três meses de idade e 69% para bebês até os seis meses. Em idosos, a eficácia foi de 85,7% contra quadros graves provocados pelo VSR.

